

Apresentação

A constituição do campo da comunicação mostra sempre uma pluralidade de temas e de perspectivas de embaralhamento de campos do conhecimento, em que os estudos em comunicação situam-se nas fronteiras entre diversas disciplinas. No entanto, mesmo na diversidade, existem fios que ligam temas aparentemente distantes.

Neste número 3 de Intexto, vamos trazer uma diversidade temática que se ajusta à imagem do mosaico. Essa diversidade em si mesma revela a face sempre plural dos estudos de comunicação. É assim que podemos analisar como as novas tecnologias têm um impacto na sociabilidade contemporânea, na afetividade ou nas relações espaciais; de que forma essas mesmas tecnologias exigem mudanças no ensino de comunicação; como alguém concebia seu papel de leitor ou a leitura no início do século, numa cidade como o Rio de Janeiro; ou se uma "leitura" feminista da própria comunicação é pacífica em termos de origem ou de perspectivas; não se pode esquecer que a imagem e a escrita têm papéis diferentes no campo do conhecimento, ou que essa complexidade do campo da comunicação se desloca para a análise dos periódicos onde são publicadas as reflexões sobre o tema.

O artigo do professor Jesus Galindo Cáceres reflete sobre as novas formas de sociabilidade, as modificações na percepção espaço-temporal e as reconfigurações territoriais que a nova estruturação da informação impõe. Trata-se da passagem das sociedades informáticas e de comunicação para uma cibersociedade, caracterizada por um tipo de informação horizontal.

Mas, nesse ambiente de transformações, o que acontece no ensino da comunicação, que estuda os impactos sugeridos por Cáceres mas também a prática do profissional deste campo? José Antonio Zulian faz uma pesquisa exaustiva em universidades brasileiras e em universidades argentinas, procurando responder a essas perguntas.

Marialva Barbosa se propõe um desafio diferente. Ele pretende reconstituir como se lia e o que lia o leitor do passado. Principalmente hoje, quando se fala em um campo da recepção, essas reconstituições entram na ordem do dia. E Marialva aceita o desafio. Para isso, vai buscar uma metodologia na crítica literária e na teoria da literatura, esquadrinhando leitores e leituras do início do século no Rio de Janeiro.

Por outro lado, Luis Milman explora a diferença entre as propriedades semânticas e as propriedades icônicas, tidas como idênticas por certas teorias da representação. Ele argumenta que ícones não podem ser conteúdos dos processos cognitivos. Para tanto, traça um percurso histórico, dede que Platão defendeu a ideia de que as propriedades da linguagem refletem as propriedades do pensamento, passando pela doutrina aristotélica e pelos empiristas, como Berkley, Hume e Locke, para chegar a autores mais atuais, temporalmente falando, como Putnan.

Ida R. C. Stumpf pergunta-se por que grande parte dos periódicos científicos tem curta duração, nas mais diversas áreas do conhecimento, para apontar a necessidade de políticas e programas capazes de enfrentar os problemas do descontrole e da qualidade editorial.

Finalmente, o desafio de Ana Carolina Escosteguy é explicar, em termos históricos e conceituais, a celeuma em torno da origem dos estudos feministas na Inglaterra.

Stuart Hall dá uma versão, as feministas vão buscar na própria história dos estudos culturais e dos estudos da mulher razões para não aceitar a versão de Hall.

Prof. Sérgio Capparelli

Editor

Copyright (c) 1998 Autor(es) / Copyright (c) 1998 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal. Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

